

INFORMAFRICATIVO 64

EMEFEJA Oziel Alves Pereira – AFRICANIDADE É LUTA!

EDIÇÃO 64 – Junho de 2025 – Circulação virtual - Impressão: 2500 panfletos

GESTÃO: Mariana D. Barreiras, Fernanda M. Bestetti, Daniely L. Silva, Ana R. Mobilon, Cintia C. Santos

ENDEREÇO: Rua Fauze Selher, 446 – Parque Oziel – Campinas – SP - CEP: 13049066

RESPONSÁVEL: Wilson Queiroz – wilsonq10639@gmail.com. PROJETO AFRICANIDADES - F:32696232

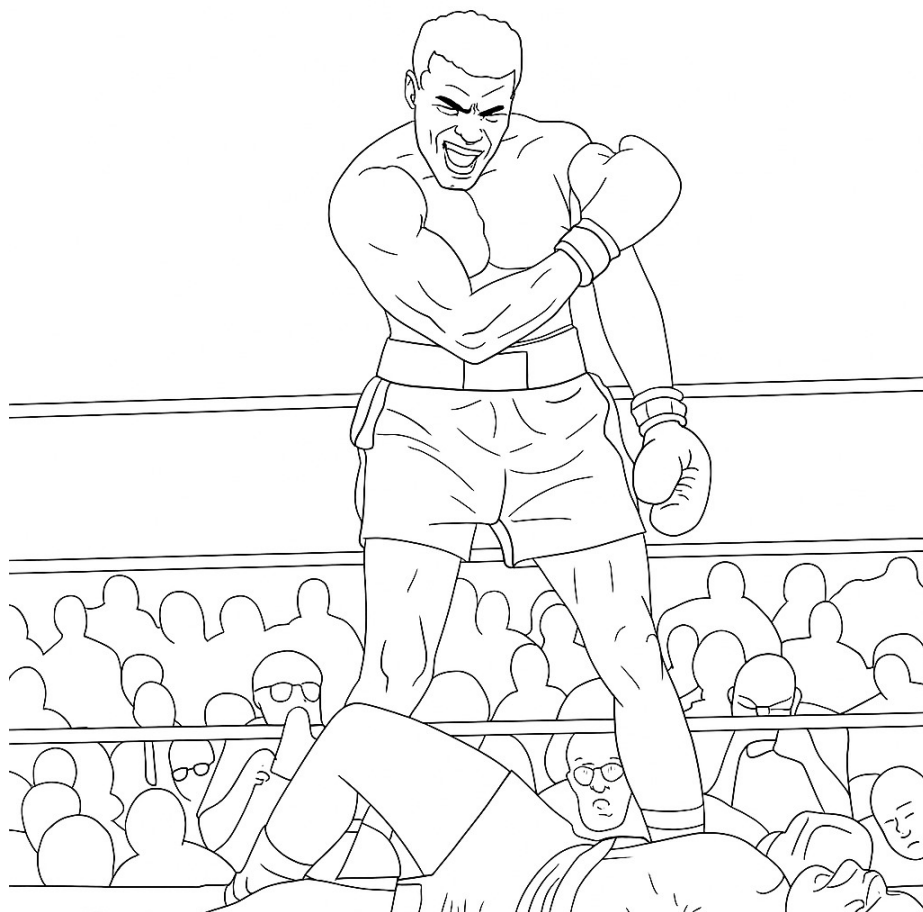
APOIO: CONEPPA – coletivo negro com práticas pedagógicas em africanidades

CEFORTEPE– Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional

GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

CAMPANHA: Biblioteca e Racismo: Quando o acervo é a prova do crime!

Acesse: <https://www.fe.unicamp.br/a-fe/biblioteca/recursos-line/boletim-informafricativo>



MUHAMMAD ALI

Pugilista norte americano, nascido em Louisville, Kentucky, chamado Cassius Marcellus Clay, antes de seu ingresso em 1964, na nação Islã. Em 1960, na olímpiada de Roma, conquistou a medalha de ouro na categoria meio-pesado. Tempos depois, ao ser impedido, em seu país, de entrar em um restaurante só para brancos, num emocionado gesto de protesto, jogou a medalha no rio Ohio.

Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana –Selo Negro - Ney Lopes – Página 49



ROUND 1 - O QUE A MINHA HISTÓRIA E A DE MUHAMMAD ALI PODEM ENSINAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE por BRUNO PORTO DOS SANTOS

A imagem de Muhammad Ali arremessando sua medalha de ouro no Rio Ohio é mais do que um fato histórico para mim; é um espelho. Ali, no auge de sua glória, devolveu ao mundo um símbolo que o celebrava no esporte, mas o diminuía como homem. Eu sei o que é olhar para uma conquista e sentir o gosto amargo da exclusão.

Não, eu nunca tive uma medalha olímpica para jogar fora. Mas tive meus próprios troféus: prêmios, certificados e lembranças que, um dia, encheram meu peito de orgulho. Joguei tudo fora. Foi meu jeito de gritar em silêncio depois que deixei meu Recôncavo Baiano e descobri que, em certos espaços, meu corpo era uma anomalia, minha presença, uma concessão. Aqueles pedaços de papel, que antes eram vitória, se tornaram o registro de um sistema que me aceitava pela metade.

Minha história com a escola foi escrita com as mesmas feridas. A memória da violência é algo que o corpo não esquece. Lembro do dia em que tomei uma **chicotada no rosto**, um golpe seco e humilhante, **desferido pela própria diretora**. Meu crime? Ter ousado defender meu lugar na fila, ter reivindicado um espaço que me era de direito. Eu só queria existir com a mesma dignidade dos outros, mas minha existência foi punida com uma marca na face e na alma. Em outra ocasião, a crueldade veio disfarçada de "brincadeira": fui "premiado" como o mais feio da sala. Naquele riso coletivo, entendi a mesma lição da chicotada: que meu corpo negro, para eles, era um erro, algo a ser corrigido ou ridicularizado.

Demorei para entender que minha identidade é uma confluência. Hoje, me apresento com consciência: sou homem negro, professor de Educação Física e de boxe, filho de terras baianas e descendente de povos indígenas. Mas essa consciência foi conquistada a duras penas, depois de muito tempo negando meus traços, minha voz e minha origem para tentar caber onde não me queriam.

Foi Muhammad Ali quem me ensinou que identidade não é o que se parece, mas o que se posiciona. Sua recusa em lutar no Vietnã, sua coragem em dizer que sua verdadeira guerra era contra o racismo em casa, me mostrou que o maior cinturão que podemos ostentar é o da nossa própria verdade. Ele perdeu títulos, mas jamais perdeu a si mesmo.

Minha reconstrução começou nos corredores da UNESP e da UNICAMP, onde comecei a desaprender o silêncio e a reaprender o orgulho. Hoje, como professor em Louveira e Campinas, ensino mais do que ganchos e diretos. Em cada treino, em cada aula, ensino a gramática da existência.

Cada passo no ringue é uma forma de dizer: "Eu estou aqui, com toda a minha história, e este espaço também é meu".

Reconectar-me com minha ancestralidade afro-indígena foi o reencontro que curou muitas dessas feridas. Entendi que carrego em mim a resistência dos quilombos e a sabedoria dos povos que vieram antes. **Minha pele não é um erro; é um mapa sagrado.**

No fim, o que um campeão mundial e um professor baiano têm em comum é a certeza de que a luta mais importante é por dignidade. E essa dignidade, eu aprendi, se tece com os fios da coragem, da consciência e das raízes. É essa força que eu levo para cada jovem que, como eu um dia, está apenas buscando a coragem de ser.



ROUND 2 – UM RECADO PARA TODO MUNDO.

Por EYDI KYARA DIAS BORGES – 8B – 12.06.2025

Meu nome é Eydi e sou uma menina de cabelos crespos e vou falar um pouco sobre como é que eu cuido e o que acho sobre ele.

Muitas vezes as garotas ficam numa rivalidade por causa do cabelo

-- "aí o meu cabelo é mais difícil de cuidar"

-- "o meu cabelo é bem mais bonito que o seu"

Esses tipos de comentários e situações acontecem muito nas escolas.

Por ter os cabelos crespos, eu já passei por muitas coisas bem desconfortáveis, ter que responder:

* porque eu não aliso meu cabelo;

* porque eu não corto meu cabelo

* se dá muito trabalho cuidar dele, entre outras situações.

Trabalho até dá, não nego, mas eu gosto. Cabelo crespo é como se fosse uma COROA e também é o único cabelo que você não pode comprar. Um cabelo crespo ou cacheado tem como ficar alisado. Um cabelo crespo tem como ficar cacheado, um cabelo liso com muito custo consegue ficar razoavelmente cacheado ou ondulado, mas os cabelos lisos, cacheados e ondulados não conseguem ficar CRESPO.

EU ACREDITO QUE QUEM TEM CABELO CRESPO TEM TUDO DE BOM. NA MINHA CASA, SEMPRE APRENDI QUE NINGUÉM PODE TOCAR NO MEU CABELO, QUE MEU CABELO É RARO E EU LEVO ESSA FILOSOFIA MUITO A SÉRIO. Até mesmo quando estou de tranças, muita gente sem noção, me pergunta como meu cabelo cresceu da noite para o dia. Do mesmo jeito que tem gente sem noção, tem gente que tem curiosidade em saber como é fazer tranças e quem faz as minhas.

Minha mãe faz as minhas tranças, as dela e a das minhas irmãs. Ela não faz só para a gente, ela também faz para minhas tias, primas e as clientes dela. Eu acho isso muito importante, por que às vezes a pessoa não gosta do próprio cabelo solto mas gosta de tranças e fazem tranças para se sentirem bem.

Particularmente, eu AMO meu cabelo, que atualmente ele está meio cacheado, depois de um relaxamento que eu fiz. No começo eu não tinha gostado, mas agora eu peguei o jeito de cuidar e agora estou amando o jeito que está. Queria deixar um recado para todo mundo que se baseia em aparência e cabelos.

Olha, não sei se vocês têm algum problema com seu cabelo, mas eu te peço, por favor, cacheadas e crespas, não alisem a sua COROA, ela é tão LINDA e lisas e onduladas, saibam que o cabelo de vocês também é lindo, então não tentem mudar ele.

ROUND 3 - PROTOCOLO ANTIRRACISTA



PORTARIA SME Nº128, DE 12 DE JUNHO DE 2025

O Secretário Municipal de Educação, no uso das atribuições que lhe confere o Art. 2º da Resolução SME/Fumec nº 4, de 18 de julho de 2007, e considerando o contido no processo SEI PMC.2024.00148566-14,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir o Protocolo Antirracista da Secretaria Municipal de Educação (Pas-mec), conforme disposto no ANEXO ÚNICO desta Portaria.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 12 de junho de 2025
JOSÉ TADEU JORGE
Secretário Municipal de Educação



ROUND 4 – DE ESTUDANTE A ESTAGIÁRIO EM PEDAGOGIA: UM RETORNO COM CONSCIÊNCIA por VAGNER DE SOUZA SERRA – 16.06.2025

Meu nome é Vagner, sou morador do Parque Oziel e tive o privilégio de estudar do primeiro ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio, na escola do bairro EMEFEJA Oziel Alves Pereira. Foi nesse espaço que vivi uma das experiências mais transformadoras da minha vida: participar do **PROJETO AFRICANIDADES**, desenvolvido pelo professor Wilson Queiroz. Esse projeto não é apenas uma atividade da escola, **É UM VERDADEIRO MOVIMENTO DE VALORIZAÇÃO, DE RESGATE E DE FORTALECIMENTO DA NOSSA IDENTIDADE ENQUANTO PESSOAS NEGRAS**, descendentes de um povo com uma história de luta, resistência, beleza e potência.

Crescer em uma sociedade onde, muitas vezes, nossos traços, nossa cor e, principalmente, nosso cabelo são alvos de preconceito e estereótipos, faz com que muitos de nós, desde cedo, passemos a questionar quem somos e, infelizmente, até a rejeitar partes de nós. Eu mesmo, por muito tempo, não entendia o quanto meu cabelo carregava história, ancestralidade e força. Ouvia piadas, comentários maldosos, e por vezes me via tentando me encaixar em padrões que não me representavam.

Foi dentro da escola, com o projeto de africanidade, que essa chave começou a virar. Os professores, com muita sensibilidade, trouxeram para a sala de aula temas que quase nunca aparecem nos livros tradicionais: a valorização das nossas raízes africanas, da cultura, da história, dos símbolos e, principalmente, do nosso cabelo. O projeto mostrou que nosso cabelo não é “ruim”, não é “feio”, não precisa ser escondido, alisado ou negado. Pelo contrário, nosso cabelo é coroa, é resistência, é símbolo de orgulho e de pertencimento.

Aprender sobre os diferentes tipos de cabelo afro, sobre os penteados que carregam significados históricos, foi algo que me marcou profundamente. Eu passei a olhar para mim de outra forma, a me reconhecer, a entender que cada fio meu carrega uma história que atravessa gerações.

Ter um professor que se posiciona, que fala com propriedade, que não tem medo de afirmar que ser negro é motivo de orgulho, fez toda a diferença na minha construção como pessoa. O professor Wilson não ensina apenas conteúdos, ele planta sementes de amor-próprio, de empoderamento, de autoestima. Ver as crianças pequenas aprendendo desde cedo a se orgulhar do seu cabelo, da sua cor, da sua história, me faz ter esperança em uma sociedade mais justa, mais inclusiva e menos racista.

O PROJETO AFRICANIDADES me fez entender que meu cabelo é muito mais do que estética. É sobre identidade, é sobre resistência, é sobre mostrar para o mundo que eu não vou mais me esconder, que eu não preciso me enquadrar em padrões que não me representam. Hoje, eu carrego minha cor, meu cabelo e minha história com orgulho, e isso se deve, em grande parte, ao que aprendi dentro daquela escola, através desse projeto.

Falar sobre isso é, também, agradecer. Agradecer por ter tido acesso a esse conhecimento, por ter encontrado um professor que entendeu a importância de empoderar através da educação, que não fugiu do compromisso de formar não apenas alunos, mas cidadãos conscientes, fortes e orgulhosos de quem são.

Que mais projetos assim possam existir nas escolas, que mais crianças negras possam crescer entendendo que elas são potentes, que sua história importa, que seus cabelos são lindos e que elas têm sim motivos de sobra para se orgulhar de quem são.

